

O CÍRCULO DA DESTRUIÇÃO

Sandra Lyon

Está vendo, Dulcinéia? O barulho da rua parou, você agora fique calma. E procure dormir. Descanse um pouco. Que tudo já passou.

Eles chegaram à cidade motorizados. Vieram na noite pela estrada. E à medida que as máquinas vinham avançando, o pipocar dos motores crescia. Assim, os motoqueiros chegaram ali como se fossem heróis. O povo saiu às ruas, pasmado, para examinar as máquinas, embolou-se ao redor delas. E assim eles acabaram se aglomerando naquela pracinha.

Venha ver!, você gritou. Fui. Estavam lá, exibidos, reluzindo, excitados como nunca. Até o pipoqueiro instalou sua carrocinha no canto da rua. Essa não, Dulcinéia.

Vamos começar?, gritou um deles.

É para agora!, retrucaram.

Então, foram escoiceando os pedais dos arranques para que os motores funcionassem. Foi quando alguém soltou foguetes de festa junina. E as máquinas partiram debaixo daquele clarão amarelo, contornando a praça em repetidos círculos numa zoadá ensurdecadora.

Sim, Dulcinéia, há horas você tenta e não consegue dormir. É só fechar as portas e janelas que o barulho diminui, eu falei

para você. Adiantou? Não adiantou. Também eu não durmo, e percebo você nervosa andando pela casa, em camisola, acendendo um cigarro atrás do outro.

Dali as motos tinham seus motores acelerados em testes sem fim, as duas mãos nos guidons. Eles se precipitavam sobre os selins, deixando para trás as explosões destemperadas do cano de descarga.

Por que não acende a luz, Dulcinéia? Não, não incomoda, pode acender. Vou até a cozinha apanhar um copo d'água. Um comprimido vai fazer bem para essa sua dor de cabeça.

E por que acabaram fazendo tudo aquilo? Uma vontade maluca de destruição. Sabe, Dulcinéia, é essa tremenda vaidade. Além do mais, inventaram os saltos pela rampa. Despojaram-se de óculos, capacetes e jaquetas. Agora, estavam ali sacando também as camisas, botas. E curvavam-se sobre o guidom para diminuir a resistência do vento. Debaixo dos risos e palmas e procurando espichar ainda mais as brincadeiras, eles começaram a saltar obstáculos, os faróis iluminando os rostos boquiabertos, fazendo rebrilhar as ferragens coloridas.

Foi quando um deles se espatifou contra a amurada. Meu Deus! E o grito saiu de dentro dele tão forte. Terá morrido? Então as rodas puseram-se a rodar furiosamente, as máquinas sem saber por onde se metiam. Os jatos de faróis moviam-se desordenados, apagando e acendendo. Assim, houve uma invasão geral da pista, os gestos e gritos esbanjavam-se descontrolados.

Os rancos metálicos agora se abrandaram. Será que os outros foram embora? Devem ter ido. É provável que tenham ido. Ou estou enganado, Dulcinéia? Mas procure dormir, que tudo já passou.